

A VITÓRIA DE CAVACO, DE SÓCRATES E DE MÁRIO SOARES

03-Fev-2011

OpiniÃ£o

Texto de Carlos Vieira e Castro

Nas eleiÃ§Ãµes do passado Domingo, o Ãºnico resultado que superou largamente todas as expectativas foi o de JosÃ© Manuel Coelho que, com um orÃ§amento modestÃssimo, Ã teve uns expressivos 4,5% e conseguiu ficar Ã frente de Cavaco Silva em 3 dos 11 concelhos da Madeira, onde obteve 39,1% (contra 44,01% de Cavaco).Ã Ã Ã Ã Todos os outros resultados eram mais ou menos previsÃveis, muito embora eu nÃ£o contasse com uma tÃ£o significativa transferÃncia de votos do PS para Fernando Nobre que ficou Ã frente de Alegre em alguns concelhos, como Aveiro, Viseu e Viana do Castelo. Resta agora saber se Nobre, que deu mostras de um ego incontido, resistirÃ; ao âœœapelo da selvaâœ dos partidos que tanto criticou ou se preferirÃ; a trincheira da âœœcidadania dos independentesâœ, barricando-se atÃ© Ã s prÃximas presidenciais. NÃ£o nos esqueÃamos que alguns dos seus mais prÃximos apoiantes desertaram das hostes alegristas por Alegre nÃ£o ter fundado um novo partido. E outros houve que depois de abandonarem Alegre, tambÃm cortaram com Nobre por este nÃ£o lhes ter confiado o protagonismo que davam como certo. De uma coisa tenho a certeza: Ã que MÃrio Soares foi um dos vitoriosos destas eleiÃ§Ãµes, ao ver que o candidato que catapultou para esta contenda o vingou da humilhaÃÃo sofrida em 2006, quando ficou atrÃs da votaÃÃo de Alegre.

Ã

Ã Ã Ã Outro dos ganhadores destas presidenciais foi, por estranho que possa parecer, JosÃ© SÃcrates e a direita do PS. Se alguÃm dÃvida por ter andado distraÃdo, atente nas palavras de Helena Roseta, ex-PS, agora independente, apoiante de Alegre, que reconheceu que âœœo PS esteve dividido e que houve âœœdirigentes altamente responsÃveis que nunca estiveram com esta candidaturaâœ. TambÃm JÃlio Barbosa, mandatÃrio no distrito de Viseu de Manuel Alegre, militante socialista, disse ao âœœDiÃrio de Viseuâœ, apÃs o apuramento dos resultados, que âœœo PS nÃ£o esteve com Manuel Alegre. NÃ£o esteve com ele durante a campanha, nem no momento da votaÃÃo. Houve muito preconceito por parte dos socialistas em relaÃÃo a Manuel Alegre e fiquei com a ideia que houve uma espÃcie de ajuste de contasâœ.

Ã Ã Ã NÃ£o me surpreendi, por isso, quando li no jornal PÃblico, com destaque de primeira pÃgina, declaraÃÃes de dirigentes nacionais do PS, nÃ£o identificados, que terÃo dito que estava a ser ensaiado, entre as bases do partido do governo, um discurso de responsabilizaÃÃo do Bloco de Esquerda pela eventual derrota de Alegre, que segundo eles, teria melhor resultado se nÃ£o fosse apoiado pelo BE. TambÃm AntÃnio Vitorino, num comentÃrio televisivo, depois dos resultados, disse que âœœhÃ certas plataformas que nÃ£o somam, diminuemâœ.

Na verdade, em Viseu, como no resto do paÃs, Alegre contou com o apoio do Bloco de Esquerda que cedo viu nele a melhor alternativa para derrotar Cavaco e defender o Estado Social dos ataques da direita contra o ServiÃo Nacional de SaÃde para todos, a Escola PÃblica gratuita e os mais elementares direitos dos trabalhadores, como o conceito de âœœjusta causaâœ para os despedimentos individuais, que o projecto de revisÃo

Constitucional apresentado por Passos Coelho pretendeu eliminar.

Ã Ã Ã JÃ da parte do PS apenas se viu a mobilizaÃÃo da JS e de meia dÃzia de militantes e dirigentes concelhios, como LÃcia Silva (da Concelhia de

Viseu), da deputada Helena Rebelo, do presidente da Câmara de Resende e poucos mais. Note-se, aliás, que a Federação Distrital do PS, presidida por João Azevedo, só em 14 de Dezembro que anunciou a comunicação social a formalização do apoio à candidatura de Manuel Alegre, meio ano depois do início da estrutura de campanha.

Â Â Â

Â Â Â Mas quem clarificou a tática de Sácrates e da direita do PS foi o viseense Correia de Campos, da Comissão Política Nacional e líder da bancada do PS na Assembleia Municipal de Viseu, que surgiu a poucos dias do fim da campanha eleitoral, citado pelo jornal I, a considerar que Alegre já não representava uma alternativa e que a estabilidade política de que o país precisaria só seria garantida por Cavaco.

Â Cavaco Silva foi o primeiro vencedor, mas a perda de 500 mil votos, obtendo a mais baixa votação numa eleição presidencial, não terá sido alheia à forma arrogante como se colocou num pedestal e se recusou a responder às legítimas perguntas dos outros candidatos e dos jornalistas, face às notícias que indiciavam favorecimentos por parte do "bando" do BPN, seus ex-ministros e ex-secretários de Estado, na venda de acções e na compra da casa da Quinta da Coelha, cuja escritura, segundo a "Visão", Cavaco terá falseado para fugir aos impostos.

Também a abstenção de 53% dos eleitores, mais do que os que votaram em Cavaco (apenas cerca de um quarto do total), é um sinal do desencanto e da desorientação dos portugueses, desiludidos com o Governo e com um Presidente que incentivou o apoio do PSD às medidas de austeridade dos PEC e do Orçamento de Estado. Cavaco ganhou, mas perdeu a mática imagem imaculada. Alegre perdeu porque a sua mensagem de resistência às políticas que fustigam o presente dos portugueses e ensombram o futuro de Portugal não contrastou com a prática dos governos de Sácrates. E porque gastou mais de metade da pré-campanha a falar para dentro do seu partido, com sucessivos apelos para que a máquina se mexesse. Mas já havia demasiados pauzinhos na engrenagem.

Â Â Â

Carlos Vieira e Castro